



Nova Silva

Porto, 24 de
de 190

REVISTA ILUSTRADA sob a direcção de Leonardo Coimbra, Jaime Cortesão e Al

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO - Rua de Santa Catarina, 438

ROGRAFIA - Imprensa Civilizatória - Rua de Passos Manuel, 23

OFFICINA DE GRAVURA - Cristiano & Nunes

EDITOR - Carlos

O CASO FERRER



— ..E com o auxilio das «Escuelas Pias» teremos uma Espanha ideal: *ad magnam Dei gloriam!*

SUMÁRIO

- I—O caso Ferrer—*desenho*—de Cristiano de Carvalho.
 II—Campos Lima—*desenho*—de Jaime Cortesão.
 III—Sacrificada—*poesia*—de Campos Lima com *desenho* de Jaime Cortesão.
 IV—Por Ferrer e Nakens—por Leonardo Coimbra.
 V—O exterior da igreja—por Alvaro Pinto com *desenho* de Verjilio Ferreira.
 VI—Sonetos: I—a Fonte; II—a Borboleta—de Jaime Cortesão.
 VII—Nós e a Universidade—por Januario Leite.
 VIII—Espiritismo—por Aristides Gomez.
 IX—Vulgarização doutrinária—Pater—*poesia* de Antero de Quental com *desenho* de Jaime Cortesão.
 X—Bibliografia—por Alvaro Pinto.
 XI—Vária
 XII—Caricaturas—de José de Meira e Verjilio Ferreira.



SACRIFICADA

Costureirinha injenua e delicada
 Que vais passando sob o meu olhar,
 ? Para onde vais assim tam apressada?
 ? Não vês que a vida é feita para amar?

Pára um bocado, ó tímida e nervosa,
 E estende para mim os lindos braços,
 Que a vida deve ser só côr de rosa
 E é só por ela que eu te sigo os passos.

Pára e ouve: O que te obriga a andar depressa?
 ? Quem te arrebatou assim todos os dias
 Ao meu olhar ardente? Que ansia é essa
 Em que tu vais fujindo ás alegrias?

Adivinho-te, mulher, a negra vida:
 Doze horas dum trabalho impertinente,
 P'rá burguezinha se vestir garrida
 E tu morreres como toda a gente.

Pica-te a agulha os tens deditos finos,
 Mata-te a vista o ponto da costura.
 Merecedora tu doutros destinos,
 Trabalhas p'ra cavar a sepultura.

Fraça e doente, exigem-te bem mais
 Do que tu podes dar. Da tua dôr
 Se formam os vestidos divinais
 Que ás outras fazem conquistar o amor.

E assim passando pela rua fóra
 Tu vais fujindo, assim entristecida,
 Para o trabalho, que nem dá uma hora
 Para gozares o prazer da vida.

E enquanto outras vão, em revoada,
 Correndo para o amor e para o vicio,
 Simples e honesta, injenua e delicada,
 Tu vais para o lugar do sacrificio.

Mas pára e vem mulher daí comigo,
 Vamos cortar o mal pela raiz,
 Anda buscar ao meu olhar amigo
 A ilusão de que és muito feliz.

Pára um bocado, ó tímida e nervosa,
 E estende para mim os lindos braços,
 Que a vida deve ser só côr de rosa
 E é só por ela que eu te sigo os passos.

Pôrto, 21 de março de 1907.

Campos Lima.

Por Ferrer e Nakens

Vai finalmente realizar-se no Porto um movimento colectivo de revolta contra a Reacção, que em Espanha procura estrangular a voz do Progresso nas pessoas envolvidas *judicialmente* no célebre processo Ferrer-Nakens.

Em agosto do ano findo pedia eu a colaboração de todos os portugueses na benemerita obra de afirmar o protesto de todas as consciências dignas contra a imoralidade que permite exijir dum homem um acto de delator e carrasco. A sinceridade da minha revolta não encontrou expressões que arrastassem, inexorável e impetuosamente, a opinião pública a actos de indiscutível reprobção, de immediato e vigoroso protesto.

Nas consciências elaborava-se lenta mas profundamente a convicção da infâmia da autoridade e agora surge êsse gesto fatal e indomável, que por Portugal fora, ergue todos os braços, exalta todos os cérebros, revolta todas as consciências.

A história dêste processo é fecunda em ensinamentos flagrantos. Deu-se por ocasião do casamento do rei de Espanha um trágico e infrutífero atentado contra a sua vida.

Não obedecendo aos impulsos espontâneos da nossa subjectividade inconsciente que nos fazem ver num assassino um inimigo da espécie e por isso um possível agressor pessoal, temos de, postos de parte inconscientes e injustificados ódios, procurar os factores que, no estreito condicionalismo fisiológico, determinaram o fenómeno criminal. Assim veremos que a obsessão duma ideia implicando estados psíquicos correlativos, deve determinar resultantes volitivas harmónicas com a preponderância enerjética de certos arranjos cerebrais.

Numa época aceleradamente transitiva, como a actual, são vulgares as determinações indisciplinadas, isto é: determinações a que não pre-

sida o critério disciplinado do senso moral. Por atavismo e por educação respeitamos preconceitos morais, que nos aparecem ridículos e falsos á mais ligeira indagação racional.

Sentimos até um vago respeito místico por gastos assiomas de consciência pelos quais concomitantemente sentimos o desprezo da inteligência e a reprobção da affectividade. Na transijência do presente com as velharias do passado se encarceram os conservadores, almas mirradas, áridas, pantanosas, verdadeiros fosséis da história da psicologia humana. A preponderância da aspiração do ideal (revelação subjectiva dos correspondentes arranjos orgânicos) manifesta-se no revolucionário, que, por uma natural auto-sujestão, pode ser levado a actos desesperados e disparatados pela falta de serenidade intelectual quando os prepara.

A possibilidade do acto reside na estrutura psíquica tendencial, a realização depende de qualquer impulso director. O acto será para sempre no estado potencial se êsse impulso é suprimido.

E' o caso de Morral.

O acto de Morral é explicado pelo estado indisciplinado do seu espirito, é desculpado pela moral, porque é apenas um desvio de senso moral, resultante do conflito tumultuoso da sua alma cheia de humanidade e amor contra a injustiça da sociedade actual cheia de egoismos, de vilezas, de ódios, de misérias, de opressões e de infâmias.

A moral burguesa que deixou os evangelhos pelos artigos do código não o entende assim, e *vinga-se* mostrando a inconsciência dos seus sentimentos, o empirismo ininteligente dos seus juizos.

Morral furtou-se á vingança. Por êle teriam de pagar parentes ou amigos.

Foi preso Ferrer porque o conhecia, foi preso Nakens porque não entregou aquele que indefeso, humilde e confiante ainda na *consciência dos homens* se lhe entregou na hora

suprema de aflicção e angústia. E todos os que apertaram a mão desse homem na hora da desgraça, os que não tiveram a fácil e cômoda honra de o denunciar foram consecutivamente presos.

Ferrer, ilegalmente preso, foi roubado com prejuizos materiais e pedagógicos que são irreparáveis.

Nem um único facto concreto que insinui a sua cumplicidade, uma única indicação vaga. As mais ardilosas manhas do sr. *Becerra del Toro* eram desfeitas terminantemente pela lógica serena, e pela consciência recta do insigne *pensador*.

Mas Ferrer é uma vontade decidida ao serviço duma inteligência lúcida; a sua figura de missionário da Luz incomodava sobremaneira os morcegos fradescos, as escolas livres fechavam as portas ás jaulas jesuíticas. formava consciências que sabiam dirigir-se sem confessores, homens que caminhavam seguros pelo caminho do dever, espiritos que recebiam insubmissos as sugestões dos dogmas. Era preciso aniquilá-lo, oferecia-se oportunidade: era de aproveitar, embora a sua inocência ressaltasse luminosa como o sol, pura como um sorriso infantil. E' o que acontecerá, se neste duelo entre o passado e o futuro, o passado sair vitorioso.

Nakens, venerando e santificando o ancião, é preso, porque não entrega á polícia o homem que se confia ao seu acolhimento salvador. E' preso legalmente e o mundo inteiro olha-o comovido mas curvado perante a Lei, como se ela fôra um cataclismo doloroso mas inevitável. Que belo ensinamento para os fabricantes da felicidade humana, em *pílulas de jurisprudência*! Que edificante exemplo, que reveladora lição!

Os mais nobres sentimentos de abnegação e desinteresse, as mais generosas manifestações de altruismo, o amparo incondicional no momento do perigo, o sacrificio da tranquillidade, da ventura duma vida conchegada e suave, da felicidade dum lar, das mil coisas consoladoras que cercam a vida dos trabalhadores re-

ctos dum ideal de justiça e libertação, tudo isso é punido pela Lei collocada em flagrante e irredutível conflito com os mandatos imperativos da consciência moral.

Nakens é uma vítima da beleza irradiante da sua alma. Querendo salvar um homem, é castigado pela humanidade a quem de verdade são dirigidos os seus afagos.

¡ Santo e venerando velho !

De toda a sua vida de pioneiro da justiça é este jesto de piedade e amor, esse abrir de braços para receber no peito o infeliz que na sua queda o apunhala, o mais grandioso feito, a mais sublime conquista, a mais fecunda heroicidade!

E todos os, que sentem o impulso dum destino purificador a polarizar a vida para a incessante perfectibilidade moral, saibam cumprir o dever, caminhando sem desfalecimentos nem dúvidas para a frente, para a verdade, para a luz, para a fraternidade universal.

Tentemos Deus, fazendo obras de amor. A fraternidade infinita é Deus. A matéria dissociada lembra-se, ignora-se, procura-se ansiosamente.

Essa ansia é a oração.

O amor une a matéria, identificando-a.

Há tanto estremecimento na matéria, que se comunica num beijo de crianças!

Os átomos resumem séculos no contacto dum instante.

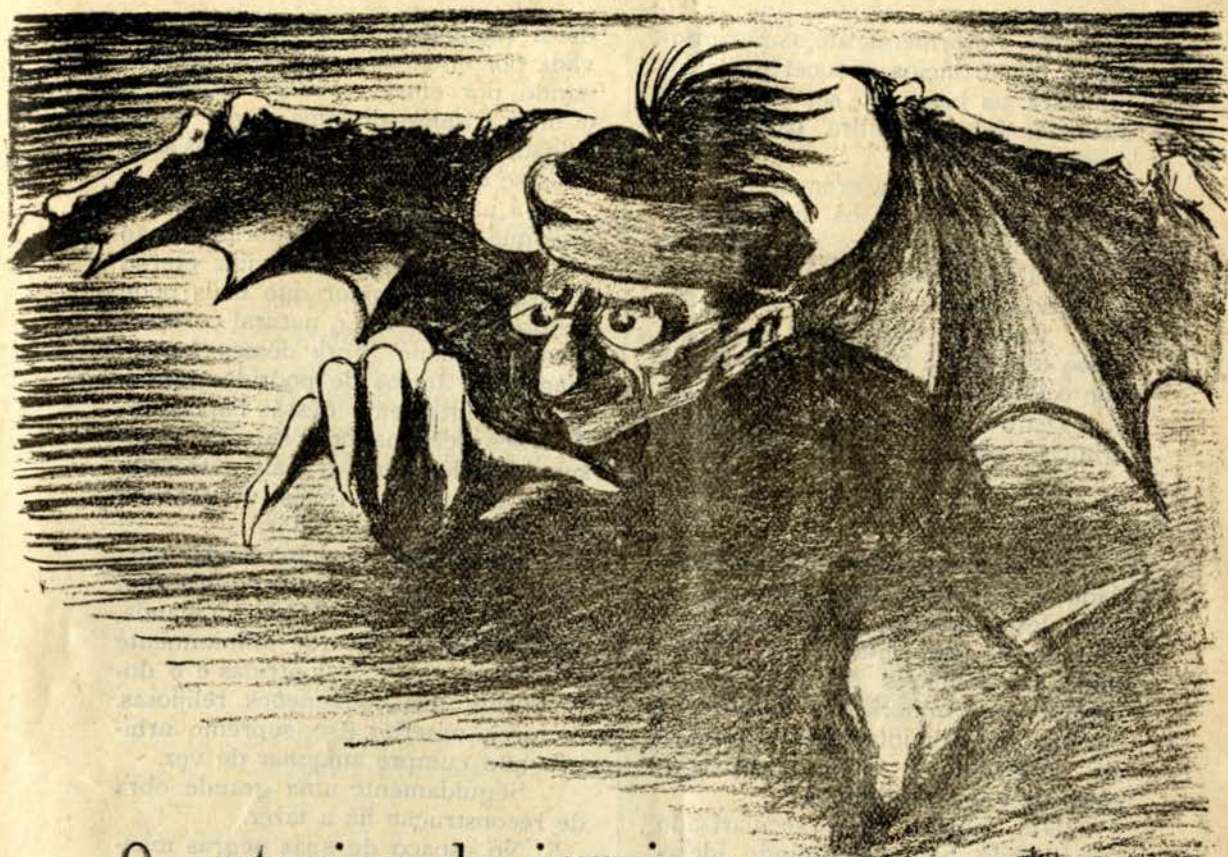
O amor infinito é a fraternidade infinita:

conhecimento completo — Deus.

Leonardo Coimbra.

Para a Escola Livre

Transporte.	1\$900
Camilo Zuzarte Cortesão	300
C. B.	200
Mendes Correa	200
Mário Serrão.	300
José de Meira	500



O exterior da igreja

V.F.
Porto
1907

Abstraindo momentaneamente de quaisquer doutrinas ou crenças religiosas, pondo de parte a vacuidade de seus princípios, passando mesmo sobre as interessantes ilusões com que presumem defendê-las, observe-se por instantes a grandiosa hipocrisia e a imensa libertinagem que a igreja exterioriza e mostra.

Não é preciso que o espírito fino e profundo do filósofo nos venha encaminhar nessa observação.

Não é preciso que o prudente critério do historiador consciencioso nos venha insuflar toda aquela serenidade que incessantemente o deve acompanhar.

Basta que o nosso espírito se alheie de facções ou seitas, e se ilumine exclusivamente no fulgurante irradiar duma verdade suprema e eterna.

Porque, se é iniludível que mentiras e ilusões teem rolado por esses tempos fora, intactas ou apenas levemente embaraçadas, não obstante a seqüente existência de espíritos esclarecidos e bons, é também certo que essas mentiras e essas ilusões hão de chegar a conseguir em cada ser que pense um inimigo intransigente e severo.

O homem com a sua natural tendência para a luz, ansiando novos tempos e novas liberdades, conquistando mais sinceridade e mais racionalismo, não suportará por longo tempo as misteriosas trevas com que enjenhosamente o envolvem.

Essencialmente prescrutador, irá a pouco e pouco analisando todas as condições de sua existência, o modo como o educaram, a feição que deram ao seu ensino, as alucinações

com que o atormentaram, e, já cansado de tam artificiosas incoerências solidificará as bases do seu raciocínio, exterminando a mentira para deixar crescer a verdade.

Repelirá toda a crença, destruirá impiedosamente os humilhantes servilismos do cérebro aos símbolos, e, propulsor duma organização nova, irá buscar sómente no amplo seio da vida, fôrça e consciência com que possa esmagar a tumultuosa seita dos que o iludiam.

Dentre êstes aparecer-lhe-há em primeiro plano o negro clericalismo.

* *

O elemento clerical é na sociedade a fidedigna representação de suas descendências inferiores. Acorrentado ao pelourinho duma fé estatuida há milhares de anos, tem-se negado, em minoria por convicções, em maioria por interesses, á influência da evolução. O clero actual é o clero de todos os tempos.

Um pouco mais secularizado, semelhando homens, finjindo ideias, mas impinjindo e ruminando sempre os mesmos milagres e as mesmas charlatanices.

A pretexto de adorações e consagrações come e bebe missas.

A pretexto de remições usa e abusa dum dos mais degradantes focos de imoralidade a que chamam confessionários.

A pretexto de outras várias consagrações organiza préstitos, *Te-deuns*, responsos, ladainhas, e mil sabujices idénticas.

Em todas elas o espírito clerical é o mesmo — o espírito matreiro do lobo entre o rebanho, o espírito endurecido do carrasco espoliando a vítima. Fundamentalmente egoista e vergonhosamente hipócrita, o padre apossou-se duma arte soberana e dominadora de cujas malhas só consegue escapar a razão forte e serena. Essa arte que em rigor se deveria chamar uma repugnante escravatura, um verdadeiro arrebanhar de consciências, mutilando a ideia e esbaten-

do a luminosidade do espírito, cultivada por entre os poderosos e germinando por entre os irresponsáveis, é o mais frisante diploma duma imbecilidade extrema em que os seus atinjidos se deixaram imerjir.

Já não é a submissão aos princípios que mais pode assombrar. Já não é o cego presumir dum juiz eterno severamente punidor que mais pode contradizer-se com o natural conhecimento humano. Fora dêsses fantasmagóricos antros de podridão moral, independentemente dêssas baixas abdições racionadoras, subsiste a medida exterior como o mais extraordinário sintoma da mais vergonhosa subserviência.

Saudar uma imagem, saudar uma cruz, saudar um cortejo, porque algum selvagem assim o quere, assim o manda, assim o impõe, excede infinitamente a intransijência das doutrinas e o dogmatismo das convenções religiosas. A igreja exterior é o supremo arbítrio que cumpre aniquilar de vez.

Seguidamente uma grande obra de reconstrução há a fazer.

No espaço de suas negras manchas edificar-se-há o casebre do pobre.

As suas pedrarias, o seu ouro, as suas alfaías irão mitigar a fome dos desgraçados.

As suas sedas transformar-se-hão no puro linho que cubra a miséria e a desventura.

As suas imagens e os seus símbolos irão produzir nos meigos lares da resignação o fogo vivo que acalente os corpos e incendeie as almas.

E os próprios ornamentos clericais, exterminado o seu campo de actividade, vencidos pela fôrça imensa da consciência não mais se disporão a recommear a arte que os enriqueceu e os cumulou de gozos. Far-se-hão humanos, abaterão os seus intuitos perversos e apoiarão com entusiasmo a causa da Revolução.

A' noite dos tempos seguir-se-há o tempo da luz! A' mentira do passado sucederá o futuro da verdade.

Alvaro Pinto.

SONETOS

I

A FONTE

*Certa rústica fonte dum casal,
quási escondida em heras e verdura,
subindo por sinjela em formosura,
assente numa encosta ao fim do val'.*

*É doce ver, perdido no poial,
entre o musgo da bica verde escura,
cintilas de cristal e neve pura
'sparjindo uma frescura natural.*

*Caí, sombras da tarde!... Os vôos cessem!...
Que assim enquanto nuns leves devaneios
no ar se esfumam, vivem, logo esquecem*

*na língua d'água onde há trémulos veios
contínuamente, cantam, fojem, crescem
claros murmúrios, fríjidos gorjeios...*

II

A BORBOLETA

*Filha da larva que o inverno hostil
gelou numa dureza concentrada
ao aquecer do flavo sol d'abril
surjiu de forma leve e curva alada.*

*Íris que voa, aspiração subtil
da flor que quis ser ave, e transformada
libra no ar a pétala gentil,
asa da côr, paleta iridiada.*

*Poisa tam breve que se um sôpro a ajita
ergue-se e bambolina num fulgor...
aflora os lábios d'uma margarita,*

*abrindo manchas, vai de flor em flor,
flutua, anseia, embala-se e palpita...
como um bailado trémulo da côr.*

Jaime Zuzarte Cortesão.

Nós e a Universidade

A Universidade de Coimbra, com todas as suas fórmulas arcaicas e fradesças, permanece, num século de intensa reconstrução mental, estacionária na contemplação das suas grandezas passadas e absurdamente obstinada na absoluta intransigência das suas ferujentas usanças.

Desde o negrume secular dos trajos académicos até o balar sinistro dos sinos escolares e desde a ferocidade medieval do seu foro privado até as intrincadas subtilezas das suas sebatas, tudo na velha instituição de D. Dinis se mantém nos moldes estreitos das organizações primitivas, coajindo todo o espírito moderno e livre na pressão sufocante dos seus dogmas, poeirentos e gastos como o calcáreo carcomido das suas paredes.

Por um fenómeno incompreensível de inadaptação a Universidade de Coimbra conseguiu penetrar num século novo intacta nos seus privilégios e orgulhosamente soberba nos seus anacronismos — o século XIV anichado, como uma excrescência mórbida, a um canto do século XX: Daí a irreduzível incompatibilidade entre a sua vetusta soberania e as incoercíveis aspirações da nossa mocidade.

Somos jovens, queremos naturalmente ser livres, correr, ao

INSTANTANEOS



Jaime Cortezão

sabor da nossa inteligência, aonde se nos abram, sem anteparos nem reservas, as claras fulgurações da Verdade ou as sugestões consoladoras da Arte. Como as aves que precisam do espaço ilimitado, nós, moços que somos, necessitamos de

ar, luz, liberdade, vida. Não queremos, não podemos, mesmo, acolher as nossas almas novicas, deformando-as, á estreiteza deprimente do servilismo e á instabilidade infecunda das lições que, de olhos baixos e espírito magoado, nós suportamos como um suplício e uma tortura.

A alegria é a saúde da alma, diz-se.

¿ Como havemos nós de ser alegres, se nos aferraram ao esplendor dos dezoito anos o negrume acabrunhante das batinas, a triste aridez do meio coimbrão e a austeridade sombria das suas muralhas feudais? Em cinco anos tornamo-nos velhos e cépticos: ganhamos rugas na alma muito antes de os anos no-las haverem riscado nas faces.

A Universidade sequestra-nos ao mundo, enclausurando-nos num recanto deserto do globo, aonde não logram chegar os ecos, apagados sequer, da vida que lá fora esfusua nas amplas manifestações do génio e do trabalho. Esse isolamento criminoso que poderia ter sido outr'ora a pedagogos birrentos garantia de recato e de estudo é hoje a sua mais lójica condenação. O estudo não necessita o divórcio, a renúncia. A Verdade não se encontra, como noutros tempos se supunha, nas sombras escusas dos gabinetes ou nos silêncios remotos das tebaidas: o ascetismo passou com os seus êrros e desvarios. O homem hoje forma-se no contacto das multidões; a mais perfeita noção da Vida sómente se colhe dentro da sua mais larga plenitude—no entrechocar das paixões, no embate das ideias, nas conquistas da ciência e da indústria, nas diversas modalidades da Arte, nas lutas enraivadas das classes e nas refregas sangrentas dos seus egoismos.

A Universidade é velha, nós somos jovens; ela ostenta ainda com impudico desvanecimento os empoados pergaminhos dos seus

foros; ela vem dos tempos obscuros da intolerância, da perseguição e do fogo; nós somos de hoje, saímos dum século grande em que houve Zola, Augusto Comte e Hugo, temos a consciência dos nossos direitos e um inquebrantável apêgo á nossa dignidade, detestamos os preconceitos, odiamos a perseguição: temos uma radiosa esperança — a liberdade.

Ela obriga-nos a amarrotar como um trapo imundo a nossa consciência; torce empedernidamente o pescoço á nossa dignidade como a uma pobre avezinha renitente: só tem um empenho—amoldar-nos ás suas velharias, sacudir-nos os ímpetos revoltados dos nossos espíritos modernos, desbastando com jesuítica persistência de manhas as arestas que aos nossos caracteres davam relevo, individualidade e brio: não quer personalidades conscientes e altivas; quer pedaços amorfos e plásticos de barro fresco.

A nós que só uma crença temos — a magnífica beleza da Vida e a perfeita imutabilidade das suas leis — impõe-nos ela fórmulas que nos obrigam hipócritamente a solicitar auxílios que nós não reconhecemos. E, de volta eclesiástica ao pescoço e calção a mostrar a curva enfezada da perna, com a gravidade imbecil das cerimónias antigas, nós ruminamos as ininteliáveis sílabas do velho latim fradesco:

Sit mihi in auxilium sanctissima et individua Trinitas, increatus Pater, unigenitus Filius et ab utroque procedens divinus Amor beatique Maria semper virgo, huius Universitatis faulrix.

Por isso que tudo lá é velho, tudo lá contende em ininterrupto conflito com o nosso modo de ser intelectual e físico. Precisamos de sair dali, daquelas ruas tortuosas e bafientas, apertadas e escuras, em tam perfeita harmonia com o luto dos trajes e a

opressão do rejime. Abafa-se em Coimbra: é a praxe, a imobilidade, o velho espírito teológico e catedrático. Precisamos de ruas largas e luminosas, hor soutes amplos, ruído; precisamos de confraternizar com a Vida nos mais generosos sonhos de solidariedade e de amor. Enquanto a Universidade não estiver fora de Coimbra, ela não deixará de ser o que tem sido para passar a ser o que cumpre que ela seja.

E' mister que avancemos na abalada de progresso que por esse mundo fora vai derrubando prejuízos e estreitando os homens no mesmo amplexo fraternal; em vez da cátedra queremos o mestre amigo e apóstolo que vá desvendando aos nossos olhos os misté-

rios admiráveis da Natureza e nos ilumine a alma com os clarões intensos da Verdade. Queremos na Escola velar as nossas armas para as lutas modernas do espírito.

Caminhemos, pois. Ela que já foi qualificada de Cidadela da Imobilidade poderá ficar, se não quiser acompanhar-nos; não nos subalternizemos ás suas velharias impertinentes.

Que ela fique, embora! A caquexia senil que lhe corroeu as energias não lhe permitirá seguir-nos nos nossos passos largos e possantes na grande obra emancipadora da solidariedade humana. Que ela fique, pois, e prossigamos nós!

Januário Leite.

DA IMPRENSA



ESPIRITISMO

Como todos sabem, entre os cinco milhões de portugueses da metrópole e ilhas adjacentes, quatro milhões, ou 80 %, são analfabetos.

Pois é de saber-se também que, não obstante este nosso manifesto horror á leitura, numerosa bagagem de livros espíritas invade o país em todos os sentidos e são lidos com verdadeira avidez.

E' facto que deve notar-se por sintomático.

Quando é raro conhecermos um manual de agricultura, de hygiene, ou de moral cívica; quando não sabemos preparar-nos para a luta social e na concorrência com o estrangeiro sucumbimos á enorme superioridade educativa deste, — é exactamente a *espiritismo*, e coisas que tais, que nós consagramos o melhor da nossa solicitude!

¿Não seremos obrigados a reconhecer que somos sempre os mesmos: místicos alucinados no culto do maravilhoso, sempre á espera da chegada de D. Sebas-

tião, e sempre á espera de vermos realizadas as profecias do Bandidarra?

Uma vénia respeitosa ante os sábios e homens ilustrados que investigam sobre os factos chamados espíritas, — mas, a despeito de suas meras opiniões ou crenças, com uma sensata reserva, em verdadeiros gabinetes de estudo.

E' contra o espiritismo doutrinário, no seu arcaico proselitismo metafísico, que é de revoltar.

E' de revoltar porque quem quer vê que não é sério tal espiritismo.

Aponta muitos factos que são comuns ao hipnotismo e consequentemente reconhecidos pela ciência positiva, embora esta sobre alguns deles ainda não desse a sua última palavra.

Mas a ciência, sempre com os olhos fixos sobre as relações entre a física e a moral, sabe que, ou parta dos próprios órgãos ou do mundo exterior, a qualquer modificação na estrutura e funcionamento dos nervos e cérebro corresponde uma modificação da consciência, e que são destas modificações que dão lugar ao simples sono, ou á simples alucinação, como á própria loucura; sabe que, inversamente, toda a emoção modifica o organismo, podendo excitar ou pelo contrário mesmo paralisar todas as funções dele e por consequência suspender ou até destruir a vida; sabe que toda a imagem que ocupa fortemente a consciência tende a realizar-se objectivamente, e que em certos estados do sistema nervoso, como, por exemplo, a histeria e o hipnotismo, uma grande parte, pelo menos, cabe ao poder da imaginação; sabe a extrema facilidade com que no estado hipnótico o «sujeito» admite e executa todas as sugestões que se lhe fazem. E, depois, a ciência explica a maioria dos factos hipnóticos por predisposições mórbidas ligadas á

histeria e nevropatia, por mil afecções cerebrais, pela sugestão, por... Sobre o melhor talvez do hipnotismo a ciência limita-se a registar os factos, e confessa que os não sabe explicar.

Pois exactamente onde pára a ciência é que o espiritismo metafísico avança mais obstinado; onde a ciência ainda se não julga habilitada a responder é que o espiritismo metafísico parece mais familiar. Já a ciência fica a perder de vista e ainda e sempre o espiritismo metafísico caminha desassombrado como se fôra cada vez mais conhecedor do terreno. Fala com as *almas do outro mundo*, escreve celestiais filosofias de *colaboração com os espíritos puros*, identifica a matéria com o espírito, diviniza o mundo, profetiza. fotografa as mais insignificantes peripécias da *vida de além-campa*, catequiza largamente sobre a *psicologia e até sobre anatomia de Deus e dos anjos*, delira extático no *inefável antegozo da suprema ventura, da Justiça e Beleza eterna...*

Isto é sabido: o que caracteriza este espiritismo não é o que elle exhibe de comum com o hipnotismo; — são as suas explicações a despeito das da ciência, ou onde a ciência é muda; são as suas relações com as *almas penantes e gloriosas*; são os seus dogmas...

Numa palavra: este espiritismo começa onde a ciência acaba.

Não obstante é ainda o mesmo espiritismo o primeiro a dizer-se ciência positiva, psicologia experimental!

Ele, a ciência do *au-delà*, a *ciência dos mortos*, ou, se antes o quere, dos *vivos do outro mundo*, a dizer-se ciência baseada na experiência científica!

Valença do Minho, 1907.

Aristides Gómez.

Vulgarização doutrinária



PATER

(A ABÍLIO GUERRA JUNQUEIRO)

Já que os vejo passar assim ávidos
E cheios de vanglória, como quem
Ao peito humano deu a luz que tem,
E a nossos corações os lumes vivos:

Já que os vejo, assentados na cadeira
Da prudência, falar com voz segura,
Dar-se em adoração à gente escura
E doutrinar dali a terra inteira:

Já que os vejo, co'a mão que *ata e desata*,
Entre os homens partir o mundo todo
E todo o céu—e dar a este o lódo,
E àquele o reino de safira e prata:

Dizer a uns—falai! e pôr na boca
Dos outros a mordaca da doutrina;
Dar a estes a espada de aço fina,
E, *do resto*, pôr-lhe à cinta a estriça e a roca:

Já que os vejo fazer a noite e o dia
Com o abrir e fechar dos olhos baços;
E pretender que o Sol lhes segue os passos,
E em seus sermões aprende a harmonia:

Dispôr do céu como de casa sua,
A que pusessem Deus como porteiro;
E receber com rosto prazenteiro
Este—e àquele deixá-lo aí na rua:

Eu quero perguntar aos Zoroastros
Do pôr-do-sol, videntes do passado,
que medem, pelo ritmo compassado
De seus passos, o giro aos grandes astros:

Eu quero perguntar aos Sacerdotes,
Que, chamando *rebanho* a seus irmãos,
Cuidam que Deus lhes cabe em duas mãos,
E todo o céu debaixo dos capotes:

Quero-os interrogar—porque, em verdade
Se saiba qual mais val', se o *pan* se a *cruz*?...
Se o sol ao cirio deu a sua luz,
Ou deu o cirio ao sol a claridade?...

Se a cúpula do céu teve modelo
Na cúpula da igreja? e se as estrelas
Para alcançar licença de ser belas,
Foram pedir a alguém o santo-sêlo?

Se foi Deus, quando o sol saiu do abismo,
Que a luz do infinito o baptizou,
Ou se algum bispo foi que o sustentou
Inda infante, nas fontes do baptismo?

Se há quem tenha na terra monopólio
Do câmbio-ílvre, que se chama *Idea*?
Se a Verdade não vale um grão de areia
Sem que, antes a baptize o santo-óleo?

Se terá mais comércio co'as estrelas
O velho livro ou o novo coração?
Quem vai mais perto—a forma ou a inspiração
Das grandes cousas e das cousas belas.

Que, nesta confusão, nestas desordens,
Se veja, enfim, bem claro, a luz dos céus,
Se o Messias nasceu entre os Judeus,
Ou se, quando nasceu, já tinha *ordens*?

Sim! que afinal se saiba tudo isto,
E se veja o caminho aonde vamos.
Ver e saber—para que enfim possamos
Escolher entre o Padre ou entre o Cristo.

IV

Porque, pois, trás da sombra ides correndo,
Homens, que a *luz* no berço baptizara?
Quando correis assim virais a cara...
Pelas costas o sol vos vem nascendo!

O' vós!—Se ides em busca da Verdade!—
Olhai bem... que essa mão, que assim vos leva,
Bem pode ser que seja toda treva,
Quando se aclama toda claridade!

V

Quando a sede nos seca o paladar,
E o sol a pino o peito nos esmaga,
Se enfim se chega á praia, junto á vaga,
Quem hesita entre a areia e entre o Mar?

Deitai-vos a nadar, homens! e vede
Que a onda é que se chama liberdade!
O Dogma é a areia, apenas—a verdade
É esse o Mar—que o Mar nos mate a sede!

1864.

Antero de Quental.



BIBLIOGRAFIA

Alma Sonora—Livro de versos de Moreira Lopes.

Boa métrica mas pouca inspiração e pouco encanto.

Estela domína demasiado.

A obsessão apenas duma idea, e duma idea pobre de elevação, como são todas as ideas exclusivistas, não pode de modo algum justificar o princípio de que «o fim da Arte deve ser o bem da Humanidade».

E' bem certo e bem sabido que a poesia se encontra inundada d'esses cantores passionais em que o coração ofusca o cérebro. Mas a poesia como todas as artes vai evolutindo.

A emoção que caracteriza a sublimidade e que constitui o princípio fundamental da sedução poética, já não deve ir libar-se nos misteriosos olhos negros duma donzela sorridente.

Que importará, sôb o ponto de vista sociológico, toda essa caracterização dum ser egoistamente querido, se, na generalidade dos casos tal caracterização ou é completamente falsa, ou é imensamente exagerada?

¿ Que importa que a forma seja brilhante, que a expressão seja maviosa, se tanto um como outro d'esses accidentes exprimem mais um estado particular duma alma facciosa do que a perfeição adorável dum sentimento generalizado a toda a Humanidade?

¿ Donde vem a grandeza de Hugo e Junqueiro, senão do seu infinito amor por todas as manifestações da vida, por todas as dores da sociedade?

Atrai realmente o nome de poeta, envaidece a idea de se poder medir o pensamento, mas nem só vaidades nem só falsos orgulhos são justificação sufficiente para precalços artísticos.

A' poesia, principalmente, tem de sempre andar ligada a expressão livre do pensamento emancipado.

Moreira Lopes «procura arranjar ilusões» o que em arte, e arte bela é já inadmissível.

Anseia «cristalizar a poesia da época da quimera» como se

êsse tempo de mero idealismo não tivesse já desaparecido na escuridão do passado.

Sobe por vezes á elevação do pensamento quando diz:

Sumiu-se para sempre a quadra encantadora
Como sombra que tem o rosicler da aurora...
Como em revolto oceano arfa e desmaia a vaga...
Como ave que emigrou ou astro que se apaga...

Atinge uma beleza superior nos versos:

Deitamo-nos na treva e erguemo-nos na aurora...
Foi de penas o sonho... acorda-se a sorrir!

ou mais adeante:

O Bem inunda de fulgôr
a desventura, a dor alheia.

Mas nem falta á contradição:

se puderam soltar da mão avara
da esquiua e perdulária mão de Deus!...

nem foje á cantilena enjoativa:

Vejo Deus, Estela ao vér-te;
e do meu gosto em fitar-te
nasce o prazer de querer-te,
que se muito peço a olhar-te,
só peço por merecer-te.

nem se liberta da simples rima ôca e muda:

E' hoje dia de festa;
E eu sinto a alma contente
como um ramo de giesta
ave ligeira e inocente.

Diremos, pois, como lhe diz
Teófilo Braga —avance, progrida,
imponha-se á consideração.

Alvaro Pinto.



"LIVRES..

Nalguns dos números desta revista de combate, ultimamente recebidos, os seus redactores tam rija e livremente brandem a clava da crítica, talhando nulidades e destruindo falsos ídolos, que não podemos deixar de os aplaudir pela sua *livre* conduta.

—Identicamente aplaudimos —Os tres da Vigairada— folheto em verso, editado por esta revista e em que o autor zurze desapiedadamente os tres caciques-môres do rotativismo constitucional.



Do folhetim dum órgão nacionalista:

De pé sobre as suas hecatombes, a França olhava para aquele céu que tinham declarado vazio e estendia de novo os braços para Deus.

Os nacionalistas são pândegos a valer! Quando lhes dá para *chuchar* com as tropas atinjem a quintessência do *espírito*.

¿ Com que então a França a estender os braços para Deus?

¿ A França civilizada e positiva tentando abraçar o nada?

Certamente há engano. O que os seráficos queriam dizer é que

... a França olhava para aquele céu vazio e apontava á reacção o caminho do exílio!

E senão, Clémenceau que fale!



—Tem medo agora, mas em casa não tem medo ao pai...

Expediente

Aos Snrs. assinantes lembramos de novo o pagamento de suas assinaturas.

—Doravante todos os pedidos de assinatura devem vir com a sua importância.



Colaboração

Aceitamos toda a colaboração inédita que nos seja enviada.

Reservamo-nos, porém, o direito de a inserir ou não, conforme o julgarmos.



Série de 8 números, 200 réis — A vulso, 30 réis
PAGAMENTO ADIANTADO

